

O IHGRGS E OS ACERVOS PESSOAIS: DOCUMENTOS E OBJETOS DE SANDRA PESAVENTO

IHGRGS AND PERSONAL COLLECTIONS: DOCUMENTS AND OBJECTS BY SANDRA PESAVENTO

Alexandre Veiga¹
Simone Steigleder Botelho²

RESUMO

O artigo relata as circunstâncias e condições que se encontra o acervo da intelectual, escritora e historiadora Sandra Jatahy Pesavento, cuja trajetória está registrada nos itens recolhidos em seu acervo, cuja guarda encontra-se sob responsabilidade do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, instituição que vem prestando relevantes serviços aos processos de história e memória no Rio Grande do Sul. Discorre sobre os procedimentos iniciais que estão sendo adotados para dar condições de acesso ao acervo, considerando as possibilidades e perspectivas de trabalho desses documentos, de modo específico, e na sua relação com os demais acervos do Instituto. Destaca aspectos singulares desse acervo e discute questões relacionadas aos acervos pessoais e sua dimensão na arquivologia.

Palavras-chave: Acervos pessoais. Acervo Sandra Pesavento. História individual.

ABSTRACT

The article reports the circumstances and conditions found in the collection of the intellectual, writer and historian Sandra Jatahy Pesavento, whose trajectory is recorded in the items collected in her collection, whose custody is under the responsibility of the Historical Institute of Rio Grande do Sul, an institution which has been providing relevant services to the processes of history and memory in Rio Grande do Sul. It discusses the initial procedures that are being adopted to give conditions of access to the collection, considering the possibilities and perspectives of work of these documents, in a specific way, and in its relationship with the other collections of the Institute. It highlights singular aspects of this collection and discusses issues related to personal collections and their dimension in archivology.

Keywords: *Personal collections. Sandra Pesavento collection. Individual history.*

1 Historiador, arquivista, Mestre em Comunicação e Informação e Doutor em História pela UFRGS, é servidor público do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

2 Conservadora e Restauradora de Bens Culturais, especialização em Arqueologia Brasileira e Membro Pesquisador do IHGRGS.

INTRODUÇÃO

Acervos pessoais são acervos! Essa declaração, digamos, peremptória, faz-se necessária para reafirmar, uma vez mais e sempre, a categoria funcional e específica dos conjuntos de documentos e objetos que guardam a trajetória de seu produtor – seja por terem sido efetivamente criados por ele, seja por se originarem de outros produtores e terem sido reunidos por alguém ao longo de sua existência. As concepções daí derivadas expressam as características de cada acervo, no que refletem não apenas sua condição específica, mas a singularidade do seu, digamos assim, criador.

O acervo da professora Sandra Jatahy Pesavento possui todas essas evidências e condições. Foi produzido ao longo de seus produtivos anos como uma das mais destacadas intelectuais brasileiras, cujas pesquisas elaboradas sobre diversos temas contribuíram de modo robusto ao conhecimento da história dos temas por ela abordados. Em paralelo, sua incessante curiosidade como viajante e questionadora de seu tempo foi responsável por constituir um rico arsenal de registros dos mais variados tipos, que ficaram como legado de sua trajetória.

Esse acervo significativo está hoje sendo organizado, acondicionado e será, muito em breve, disponibilizado ao público por uma equipe técnica que combina, além das qualidades profissionais, sua proximidade com o trabalho da professora Sandra. Liderada pela historiadora Nádia Maria Santos Weber, essa equipe busca sistematizar os livros, documentos e objetos que a professora Sandra reuniu ao longo da vida, buscando potencializar tais elementos como forma de retribuição ao trabalho que Sandra deixou para sua comunidade. Dessa forma, além de permitir conhecermos melhor o processo criativo que protagonizou a criação de obras importantes da historiografia, teremos a oportunidade de, ao menos de forma singela, aproximarmos-nos da figura humana da professora Sandra Pesavento.

O acervo em questão está acondicionado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, também este um espaço de produção intensa do conhecimento. Não havia melhor instituição para receber o acervo da professora do que o IHGRS, dado que também ali se respira história e sabedoria. O conteúdo do acervo está sendo devidamente catalogado, descrito e organizado de acordo com as metodologias necessárias para permitir que cada conjunto – bibliográfico, arquivístico e tridimensional – possa revelar todas as suas potencialidades, permitindo assim que se conheça melhor não apenas a trajetória profissional de Sandra, mas também a grandeza de sua personalidade.

O presente artigo vai discorrer sobre as características dos acervos documentais e dos objetos que formam o acervo. Pretende-se, brevemente, descrever os tratamentos realizados até o momento, bem como algumas de

suas principais características. O objetivo é dar uma idéia inicial do processo de organização desses itens, propondo que sejam conhecidos pelos interessados no tema e que se tornem objeto de debate para alavancar o conhecimento dos processos adequados ao que se trata na área. Com isso, há a expectativa de promover o conteúdo do acervo, bem como de retomar as atividades que o IHGRS vem propondo ao longo de seus cem anos de existência.

1 A trajetória do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) é uma instituição privada sem fins lucrativos, cuja trajetória foi retomada em 5 de agosto de 1920 por iniciativa de intelectuais e homens públicos do estado do Rio Grande do Sul, como Octavio Augusto de Faria, capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa, tenente Emílio Fernandes de Souza Docca, Afonso Aurélio Porto e o Pe. João Batista Hafkemeyer, juntamente com o Desembargador Florêncio de Abreu. Teve, para isso, o apoio decisivo do Governador Borges de Medeiros.

O IHGRGS integra um conjunto de instituições com a mesma proposta, criados em diversas unidades da federação brasileira, a partir da ideia matriz desenvolvida pelo Instituto Histórico e Geográfico brasileiro, com sede no Rio de Janeiro. O representante gaúcho teve uma trajetória distinta, tendo três episódios de criação em períodos históricos diferentes. A primeira vez em que foi criado, em 1853, foi por iniciativa do então Presidente da Província, João Lins Cansansão de Sinimbu, denominando-se Instituto Histórico da Província de São Pedro.

A partida de Cansansão de Sinimbu para a Capital do Império, em 1855, determinou o encerramento da instituição, que teve suas atividades retomadas cinco anos depois, conduzido pelo Barão de Porto Alegre, Manuel Marques de Souza, o “Centauro de Luvas”³. Também desta feita, porém, a iniciativa durou pouco tempo, seguindo apenas até 1863. As atividades desse curto período, porém, foram importantes em seu contexto, pois os membros do IHGRGS publicaram seis fascículos de sua Revista Trimestral.

Em 1920, quando o país preparava-se para comemorar o centenário de sua Independência, o IHGRGS foi recriado, mantendo-se até o presente como espaço de estudo e investigação nas áreas da Geografia, Arqueologia, Filologia e Antropologia e, principalmente, no campo historiográfico, perpassando outros campos correlatos, focando principalmente – mas não apenas – em questões relacionadas ao Rio Grande do Sul. Além disso, presta

3 O Barão foi chamado por historiadores de “o Centauro de Luvas” porque era um soldado de cavalaria muito bem-educado e sempre impecavelmente fardado.

papel relevante na preservação da memória rio-grandense, através da manutenção de fundos documentais e acervos bibliográficos que servem, sobretudo, para embasar as investigações e a elaboração de conteúdos relacionados ao Rio Grande do Sul, além de atuar sistematicamente na defesa do patrimônio histórico.

Com essa proposta, passou a receber, ao longo dos anos, acervos doados por intelectuais riograndenses, além de coleções de itens documentais e bibliográficos, cuja importância tem sido destacada ao longo dos anos através de artigos publicados em diversos espaços de divulgação e, principalmente, em sua Revista, que vem sendo editada continuamente desde 1920. Atua ainda na elaboração de eventos que permitem discutir aspectos singulares da história e da sociedade gaúcha, colaborando para a sistemática reflexão sobre a trajetória do estado.

Um dos primeiros e, até hoje, principais acervos pessoais recolhidos ao IHGRS pertenceu a uma personalidade de significativa presença no estado, tendo sido seu principal governante por vários anos: Borges de Medeiros. Importante apoiador da recriação do IHGRS, cedeu seu acervo à instituição, ainda em vida, em 1960. Esse acervo é formado por cerca de 80 mil documentos, entre cartas e telegramas, remetidos e recebidos por ele no período de 1898 até 1960. É um conjunto documental expressivo, que registra as tratativas, polêmicas e análises realizadas por Borges e seus interlocutores, revelando os meandros da política gaúcha e nacional.

A existência desse acervo, bem como de todos os demais que estão atualmente acondicionados no IHGRS, é importante por vários aspectos, permitindo o acesso àquilo que Ribeiro (1998) chama de “arquivo de si”, e cuja capacidade informacional combina o conteúdo estritamente privado com elementos relevantes da sociedade em que viveu esse indivíduo. Esses registros demonstram não apenas a dimensão do trabalho da instituição, no sentido de preservar documentos que podem revelar contingências singulares das relações humanas, mas também o potencial informativo dos acervos pessoais, dos quais o conjunto de documentos da professora Sandra Pesavento é exemplar dos mais significativos.

2 O IHGRS e os acervos pessoais

Todo o material reunido no acervo provém de doações realizadas ao longo da sua existência institucional. São documentos de membros do IHGRS ou de seus familiares, assim como da comunidade em geral, que veem a instituição com a credibilidade necessária como guardiã das memórias contidas nesses registros. Alguns deles foram, ainda, coletados por membros do IHGRS nos primórdios de sua existência, quando se dirigiam ao interior do Estado ou a outras instituições para buscar ou reproduzir itens conso-

nantes com a história sul-rio-grandense. Na atualidade, o IHGRGS continua recebendo doações de acervos pessoais que reúnem, principalmente, documentos arquivísticos.

Entre esses acervos, há outros que podem ser destacados como forma de demonstrar a multiplicidade de perspectivas informacionais, sendo relevante destacar, por exemplo, o acervo de Apolinário Porto Alegre, de Athos Damasceno Ferreira, Joaquim Francisco de Assis Brasil e Ramiro Fortes Barcelos⁴. Os dois primeiros foram expressivos expoentes das artes e da cultura do estado, enquanto os dois últimos, expressivas lideranças políticas, ambos adversários ferrenhos de Borges de Medeiros, o que não impediu que tivessem documentos seus recolhidos ao acervo do IHGRGS, revelando que além da necessidade de se manter um tratamento civilizado entre adversários, havia a dimensão institucional a ser resguardada.

3 Acervos pessoais e arquivologia

Os arquivos pessoais e seu tratamento arquivístico tem pautado robustas discussões no campo da arquivologia. Houve, por vários anos, um debate teórico, seguido de premissas práticas, pressupondo que os acervos pessoais não deveriam ser objeto de atuação dos profissionais de arquivo. Isso resultou numa indefinição procedimental, dado que os registros arquivísticos, via de regra, originavam-se em conformidade com conjuntos documentais estruturados, cuja organização era proposta, quase sempre, num conjunto apriorístico, sendo sua trajetória definida por regras específicas, reguladas por instrumentos como o Plano de Classificação de Documentos e a Tabela de Temporalidade.

Essa característica – a de se originar em conjuntos documentais com regras de produção específicas, que seguem metodologias rígidas, estava distante da realidade de um acervo pessoal. Ainda que em alguns casos houvesse um nível de organização e elementos documentais que guardassem algum tipo de essência organizacional, seja porque seu produtor preocupava-se com essa prática, seja porque em alguns casos, a estrutura documental permitia maior organicidade, acervos pessoais são, na maioria, oriundos de uma rotina de acumulação relacionada às vivências individuais, sem regras

4 Apolinário Porto Alegre criou, em 1876, na chácara onde vivia, nos arredores de Porto Alegre, o Instituto Brasileiro, que pretendia ser um contraponto ao modelo tradicional de educação pública. Athos Damasceno foi um prolixo escritor, jornalista e historiador, sendo severo crítico do regionalismo riograndense. Assis Brasil, líder da oposição a Julio de Castilhos e Borges de Medeiros, foi deputado, Ministro de Estado, constituinte em 1891 e embaixador do Brasil na República Argentina. Ramiro Barcelos, médico, jornalista e senador, escreveu o poema satírico Antônio Chimango, que criticava a postura de Borges de Medeiros no Governo do Estado.

delineadas sobre sua transferência ou recolhimento, para citar duas ações importantes no trato arquivístico. Essa dimensão exige uma reflexão significativa, por parte dos profissionais envolvidos em sua organização.

A escrita e o arquivamento de si, nos termos em que reflete Ribeiro (1998), onde há uma necessidade do registro de uma personalidade, famosa ou anônima, ou a proposta de arquivar a própria vida, como salienta Artières (1998) são condicionadas por uma certa percepção do devir histórico, em que suas existências podem se inserir de modo objetivo. O grau de dificuldades para a organização de um acervo pessoal, cujas peculiaridades se sobressaem no processo de sua formulação, torna o desafio bastante significativo. Se um acervo pessoal já é uma complexidade individualizada, nos termos revelados ao se cotejar com técnicas arquivísticas consolidadas, torna-se ainda mais expressivo quando nos defrontamos com premissas elaboradas pelo próprio produtor do acervo. O desafio, aqui, torna-se ainda mais relevante, pois temos a rara combinação de um conjunto importante de variáveis.

Augusto César Luiz Brito e Analaura Corradi, produziram uma robusta revisão de literatura sobre o tema, citando alguns dos principais textos reflexivos acerca da questão. Brito e Corradi (2017, p. 4) afirmam que “a valorização dos arquivos pessoais tanto quanto ‘arquivo’ ou como ‘fonte de pesquisa’ decorreu em paralelo ao avanço.” Tal alteração promoveu significativa mudança no entendimento até então instituído sobre os chamados “arquivos de si”, sendo que já na década de 60 e 70, tais conteúdos passaram a receber atenção dos autores da área de arquivologia.

Terry Cook, importante teórico do campo arquivístico, escreveu texto seminal propondo a revisão dessa leitura reducionista do trabalho em arquivos. O autor foi enfático em estabelecer que “as afirmativas fundamentais da ciência arquivística tradicional, com suas dicotomias resultantes, são falsas.” (COOK, 1998, p. 4). Isso porque o trabalho do arquivista deixou de ser, há muito, o de um suposto guardião imparcial de conjuntos documentais recebidos em suas instituições, para o trabalho que o autor chama de construtores muito ativos da memória social.

Isso significa que a participação efetiva do profissional de arquivo tornou-se parte constitutiva da formação do acervo, sendo imprescindível a compreensão do conjunto documental em organização. Para isso, precisa ter em perspectiva a trajetória contextual daquela personagem que é o produtor do acervo, compreendendo suas idiosincrasias e suas condições de produção. Nesse sentido, deve ter máxima atenção não apenas com o aspecto mais direto do conteúdo documental – oriundo das atividades que fizeram desse produtor o objeto de recolhimento de seu acervo – mas principalmente do que está envolvido nessa produção – os dilemas, dúvidas, equívocos e materialidades oriundas da trajetória do produtor do acervo, permitindo assim compreender esse percurso em toda sua grandeza.

Outro autor que há muito discutiu a dinâmica envolvendo as práticas tradicionais da arquivologia frente à demanda dos arquivos pessoais foi Andre Lopez que, registrou serem

[...] os arquivos pessoais, por suas características informais, [acervos que] testam os limites dos princípios teóricos da arquivologia, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, os reforçam, como única salvaguarda para que tais conjuntos não percam a unicidade e coesão arquivística que os caracterizam. (LOPEZ, 2003, p. 3).

Com isso, afirma o autor, é fundamental para o trabalho com os arquivos pessoais o cuidado com o contexto de produção do acervo, considerando principalmente a história do indivíduo, como forma de manter sua integralidade.

4 Acervos pessoais e objetos tridimensionais

No escopo básico do trabalho com arquivos pessoais, uma das maiores dúvidas diz respeito aos itens tridimensionais, que não raro acompanham o conjunto documental recolhido. É prática costumeira que tais acervos, ao serem destinados pelos familiares – ou, às vezes, pelo próprio produtor – incluam objetos que foram sendo acumulados ao longo da vida do produtor, seja em pesquisas realizadas, seja por presentes recebidos ou mesmo homenagens que lhe foram destinadas através de medalhas e insígnias. Neste momento, forma-se a dúvida sobre qual a destinação mais adequada para tais registros.

Um arquivo, via de regra, não tem a mesma configuração de um museu. Isso significa que não está preparado para gerenciar acervos que extravasem o suporte documental tradicional, em papel. Eventualmente consegue responder às necessidades de registros em outros suportes análogos, tais como mapas, plantas arquitetônicas ou cartazes de eventos. Mas para os itens cujo tratamento depende procedimentos específicos, acumulam-se dúvidas e questionamentos.

A regra mais elementar, para dar conta dessa questão, diz respeito à compreensão do processo formativo do acervo. As perguntas básicas a serem dirigidas ao tema precisam interrogar o contexto em que tal conjunto foi constituído, buscando evidenciar que tais itens integram, assim como os demais documentos, um complexo unitário de elementos, que dialogam entre si. Assim, temos a perspectiva do todo, onde o documento registra o item que foi, eventualmente, recolhido em função de pesquisa efetuada para a elaboração de um livro. Esse esquema, meramente exemplificativo, demonstra

que todos os registros possuem, além do valor em si, uma combinação que faz sentido em sua integralidade.

Nessa condição, e ainda que o arquivo não venha a se constituir em museu – considerando nesse sentido as regras específicas dessa unidade de informação – há que se estabelecer os procedimentos necessários para responder às necessidades de armazenamento, conservação e disponibilização dos itens tridimensionais, seja para pesquisa ou fruição do público. Em razão disso, é imprescindível elaborar regramentos para responder à essa demanda, refletindo sobre suas condições, ainda que não se configurem em sua totalidade museológica. Michael Buckland, por exemplo, enumera quatro condições para que o artefato seja um documento de museu:

- 1 - Materialidade: somente objetos físicos e sinais físicos podem constituir documentos;
 - 2 - Intencionalidade: deve haver a intenção de tratar o objeto como evidência de algo;
 - 3 - Processamento: os objetos devem ser transformados em documentos;
 - 4 - Fenomenologia: os objetos devem ser percebidos na qualidade de documentos.
- (BUCKLAND, 1997 apud SMIT, 2008, p. 14).

A partir dessa distinção, podemos considerar que os artefatos, uma vez contemplados como documento, com suas categorias de informação e com os diversos aspectos acima descritos, também são recolhidos nos arquivos pessoais. Nesse caso, além dos contextos museológicos e arqueológicos inferidos pela museologia, incorporarão um novo contexto proposto pelos arquivos pessoais: o contexto de acumulação, formando um conjunto articulado e indissociável. É possível que a característica mais marcante para o objeto ser considerado documento de arquivo seja, justamente, a da acumulação.

A premissa que orienta o processo organizacional em um arquivo pessoal que inclui, também, itens tridimensionais vem ganhando corpo no trabalho realizado pelos profissionais das áreas. Camargo (2008), por exemplo, afirma que os documentos acumulados pelo produtor, em sua trajetória de vida, são passíveis de permitir reconhecimento da organicidade dos documentos, a partir das atividades que lhes deram origem, e que os diferentes tipos de registros no arquivo não impedem que se estabeleça o vínculo de funcionalidade e do contexto de produção. Desta forma, os objetos tridimensionais podem ser incorporados aos acervos arquivísticos, quando for identificada a sua interrelação e tiver uma função representativa nestes arquivos.

Nos arquivos pessoais de cientistas é comum encontrarmos objetos

de diversos formatos e dimensões, reunidos por diversas razões. Ao serem entregues para custódia, os documentos em suporte papel são acompanhados por outros gêneros documentais, como os iconográficos, sonoros, filmográficos ou os citados mapas e plantas de engenharia e arquitetura. Em alguns casos, também objetos tridimensionais, que são entregues às instituições arquivísticas, a museus ou outros custodiadores. Esses arquivos apresentam diversidades de gêneros, tipos e suportes, com uma variedade documental que, junta, constitui o fundo arquivístico. Nele, todos esses documentos são indivisíveis e indissociáveis. A justificativa de se manter objetos num arquivo pessoal atende à necessidade de preservar o que se define por “lembranças históricas”, relíquias que se relacionam com suas pesquisas e descobrimentos, sendo assim integrante de seus arquivos privados.

No caso desses acervos, segundo Joux (2008), os objetos são abordados como casos particulares. Para essa autora, os “objetos tridimensionais” são incluídos como documentos de arquivo de uma pessoa e, como solução para viabilizar a relação entre os documentos, o preparo de instrumento de pesquisa capaz de integrar os documentos em todos os seus formatos (arquivístico, bibliográfico e museológico) no arquivo de um único produtor, a fim de suavizar as fronteiras que existem entre essas áreas.

Outras autoras que tratam dessa temática são Camargo e Goulart (2007), que consideram tais objetos (medalhas, objetos pessoais diversos, instrumentos científicos, espécies coletadas em pesquisas, lâminas e muitos outros) como documentos que muitas vezes tiveram a sua origem nas atividades desenvolvidas pelo produtor do acervo ou pela instituição em que este atua, e que, portanto, possuem relação orgânica com o acervo arquivístico produzido por tais unidades. Camargo e Goulart (2007) explicam que os objetos são identificados como documentos de arquivo pela natureza de suas informações, pois refletem as atividades desses produtores do acervo.

Camargo e Goulart (2007) apontam para a falta de uma política arquivística de aquisição e descarte, de espaço físico e de condições para preservar os documentos tridimensionais, afirmando ser necessário preservar no arquivo o contexto de produção e a função do objeto no desempenho das atividades do produtor. A forma de estabelecer a relação do contexto de produção, da função do objeto e das atividades desempenhadas se dará a partir da documentação destes registros, contemplados por outros tipos documentais que poderão compor o conjunto. Se não for possível preservar os equipamentos e demais objetos que constituem determinados acervos, expressam as autoras, é preciso preservar o contexto arquivístico no qual esses documentos se inserem, sinalizando que os registros sobre a existência desses objetos foram produzidos para complementar as lacunas documentais em seu formato original, no caso, através da atividade de documentação. Os objetos nos arquivos justificam-se, assim, pelo contexto de acumulação.

5 O acervo SJP e o IHGRGS

Outro elemento-chave no tema da organização de acervos pessoais é salientado por Tognoli (2011, p. 68): “como o próprio nome sugere, os documentos ali encontrados têm características muito particulares ligadas à vida do titular e, no caso de escritores/artistas, à sua obra.” É isso exatamente, o que acontece com o acervo da professora Sandra Pesavento, cuja atuação, ao longo da carreira, teve muito de uma certa prática colateral como arquivista.

Isso fica visível na metodologia empírica que desenvolveu para responder às necessidades de seu trabalho como pesquisadora, o que fez com que adotasse uma dinâmica de registros sistemáticos, de praticamente tudo o que fazia, lia ou entrava em contato. É como se o famoso personagem de Borges – Funes, o memorioso – estivesse registrando em papel as memórias que relembra constantemente. A produtora do acervo indicava, com o máximo de detalhes, elementos que coligia para desenvolver seus trabalhos acadêmicos, para orientar seus alunos e na produção de seus textos. Seus “cadernos de viagem” ficaram famosos, dadas a quantidade de conteúdo informacional que legaram à posteridade.

No que diz respeito ao seu arquivo pessoal, não poderia ser diferente. São diversos itens documentais, meticulosamente coligidos, cuja utilização fica evidenciada no apoio técnico à produção intelectual da autora. Esses registros tornaram-se, agora, marcas indelévels de seu processo organizativo, o que impõe serem observados para sua presente organização. Um dos documentos mais expressivos disso que podemos denominar uma “perspectiva arquivística individual” é o quadro de desenvolvimento de sua trajetória como profissional da história, que catalisa registros dos conteúdos teóricos e das produções intelectuais respectivas, permitindo ao leitor acompanhar o processo de formação da pesquisadora.

Esse documento, formado por 17 páginas manuscritas, permite que se faça conhecido todos os conteúdos que, de outro modo, poderiam ser dispostos de maneira diversa àquela que a própria produtora do acervo teria proposto como sendo a mais adequada para organizar sua produção documental. Percorrendo desde os anos iniciais de sua atividade no campo da historiografia, em 1978, vai até seus livros elaborados em 1991, identificando temas e autores que serviram de guia para as reflexões acerca dos fenômenos históricos abordados.

Esse tipo de documento, cuja singularidade poderia ser tomada como um dilema pelo arquivista, acaba fazendo com que os conteúdos que não foram pensados de modo orgânico – os registros estritamente pessoais, por exemplo – ganhem naturalmente, frente aos demais documentos, um lugar apropriado no acervo. Desse modo, o que poderia ser desafiador ou mesmo incapacitante torna-se um complemento que atua, de modo concatenado, com o que foi deixado em formato estruturado pela produtora.

Figura 1 – Desenvolvimento da trajetória profissional de Sandra Jatahy Pesavento

DATA	TEORIA	TEMA	PRODUTOS INTELECTUAIS (1)
1982-88 Doutorado 2/1988	<p>Apresenta a questão meridional com o intuito de pensar a matriz de desenvolvimento de um espaço geogr. delimitado mas permeável a especificidade local, para a dinâmica de desenvolvimento econômico delimitado espaço de construção de uma hegemonia e domínio de uma classe ou de uma classe e de elaboração de uma matriz sobre este espaço (class. eco/soc. e polít./ideol.)</p> <p>Região: espaço plo K, onde o K se expande de uma forma histórica determinada</p> <p><u>Interpretação:</u></p> <p>classe social: categoria histórica; ligada à base de classe, mas nas relações humanas define-se no contexto de história</p> <p>região de classe = resulto de expansão ou contração; as relações e interações a identidade de uma interação entre si e com o resto do espaço urbano ≠</p> <p>sobre se que há dom quando o K permeável se comporta de modo limitado regularidade em dar respostas a situações similares dentro do contexto</p>	<p>2º PROJETO → FINEP / FAPERGS</p> <p>Processo de industrialização no RS (1854-1945) (85-87)</p> <p>condicionam / causas</p> <p>matrizes: Capital, Trabalho e Estado</p> <p>preocupação: Invenção industrial K x T</p> <p>burg. e Estado K, T e Est.</p> <p>dimensão social da tecnologia</p> <p>→ nel dom / subord / resistência (entre extra-territ.)</p> <p>estudo regional → especificidade dentro de 1 tema universal e de um processo nacional</p> <p>continuidade de preocupações de desenvolver a malha de cidades (Invenção e dom.)</p>	<p>R.S.: agrorop colonial e ind. 83</p> <p>Hist. indúst sul-arg. 85</p> <p>Regul. indúst e problem. alfândega 85</p> <p>Discussão a indúst 86</p> <p>Quest. preliminar de fontes 86</p> <p>R.S.: a origem da indúst 86</p> <p>Numeração da indúst sul-arg. 87</p> <p>Relat FINEP: Capital, Trabalho e Est. (1854-45) 87</p> <p>Exemplos: Trabalho industrial e tecnologia 87</p> <p>Nota: Empreendedor indúst Trabalho e Est. constituinte... 8.</p> <p>A Invenção (matrizes) dom de uf. e do Trabalho de tabelas 88</p>

Fonte: Acervo Sandra Jatahy Pesavento - IHGRGS

O acervo, atualmente recolhido na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, é formado por cerca de 30 caixas-arquivo, além de um número expressivo de documentos armazenados em mobiliário específico. Os itens vêm sendo higienizados e preparados para nova organização, cujo formato está sendo pensado para dar conta de todas essas dimensões. Nesse sentido, cabe destacar a perspectiva com que Vidal (2007) discute tais acervos, que servem, segundo ele, tanto para examinar a memória coletiva, como para discorrer sobre um evento singular, extraordinário.

Outra circunstância que torna o trabalho no acervo um desafio aos profissionais envolvidos nesse trabalho vem da necessidade de que sua organização original seja registrada corretamente, dado que há pesquisas sendo produzidas no presente momento, o que exige que sua reorganização seja cuidadosa e sempre referenciada. Assim, o início do processo contemplou a compactação de invólucros, reduzindo-se a quantidade de caixas que formavam o acervo original, mantendo-se, no entanto, sua estrutura. O próximo passo será efetivar o registro acurado dos itens, como forma de seguir o processo organizacional.

A partir da possibilidade de executar essa reorganização, será efetuado o registro da alteração de acondicionador dos itens documentais, implementando a organização desenhada no quadro de arranjo, identificando-se os ajustes ao mesmo tempo em que se mantém o atendimento das neces-

sidades de consulta da pesquisadora. O quadro de arranjo proposto segue, basicamente, a seguinte configuração: Documentos Pessoais; Registros de Trabalho; Conteúdo de Projetos e Material de Apoio. Essa proposta, que prima pela simplicidade, visa justamente preservar os temas oriundos da trajetória pessoal da pesquisadora.

A série “Documentos Pessoais” vai acondicionar itens relacionados diretamente aos eventos da vida pessoal da produtora do acervo; os “Registros de Trabalho” devem receber os registros de sua trajetória de atuação, a partir das condições em que se deram a produção intelectual e como autora de significativa bibliografia no seu campo de conhecimento, o que ensejou uma organização específica. Os “Conteúdos de Projetos” contemplam a produção das pesquisas, permitindo visualizar, em sua extensão e profundidade, a dimensão do trabalho elaborado por ela ao longo da carreira e, no item “Material de Apoio”, são reunidos todos os itens que, embora não sejam de sua autoria, foram fundamentais para o desenvolvimento de seu trabalho.

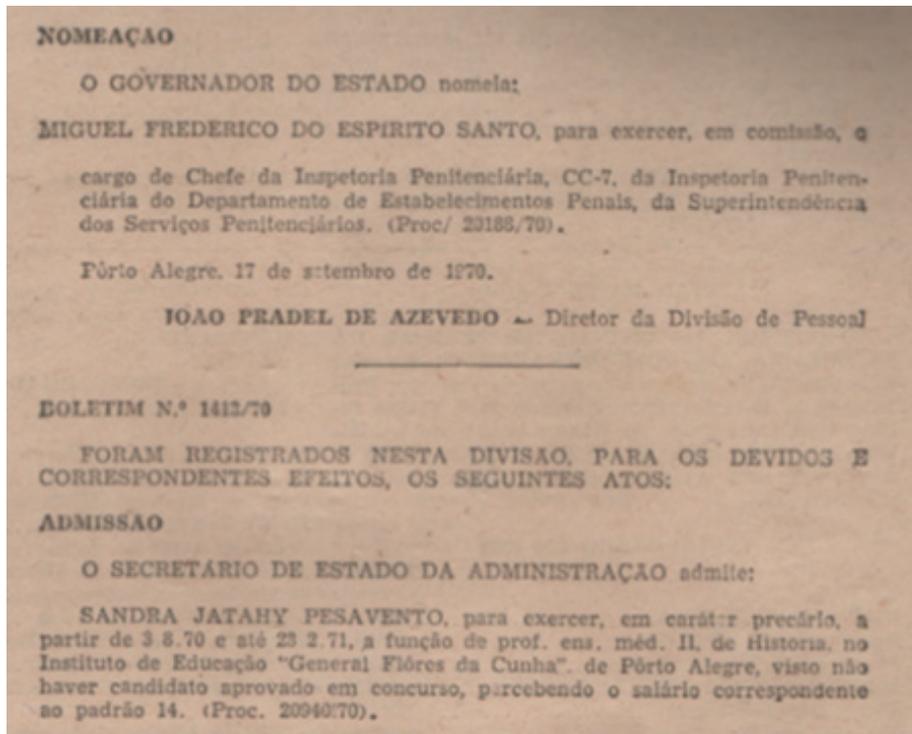
A partir dessa primeira proposta de arquitetura do acervo, deverão ser instituídos novos elementos, configurados através de subséries e dossiês específicos. Sempre que possível, será considerado o processo constitutivo determinado pela produtora, de modo a desenvolver uma leitura intelectual da concepção orgânica do acervo, além de se respeitar, sempre que possível, o desejo manifesto por ela. Sabe-se, no entanto, que algumas reconfigurações se farão necessárias, pois a concepção inicial da organização dos documentos, como se disse inicialmente, tinha como objetivo principal atender às necessidades imediatas de pesquisa por parte da professora Sandra, e agora, a proposta visa abranger as diversas leituras a serem produzidas de sua herança intelectual.

Desse modo, entende-se que serão atendidos todos os princípios que vêm norteando a organização dos acervos pessoais, cuja riqueza informacional está sendo cada vez mais compreendida como parte integrante da leitura do mundo, promovendo aquilo que Gomes (1998) denominou de “encantamento dos arquivos pessoais”, o que no caso da professora Sandra é ainda mais evocativo, dada sua própria promoção desse encanto pelos temas históricos, seja quando discutia a economia gaúcha, seja revelando os mistérios da Capital.

Tal encantamento fica perfeitamente visível quando cotejado com um documento que reúne duas personagens cuja relação encontra-se no próprio processo de recepção do acervo. Numa folha do Diário Oficial do Estado, temos reunidos os nomes da produtora do acervo, Sandra Pesavento, sendo nomeada para o cargo de professora de Ensino Médio, e do atual Presidente do IHGRGS, Miguel Frederico do Espírito Santo, também sendo indicado a cargo público. A coincidência do fato, onde se encontram reunidos dois dos principais atores do presente processo, chama a atenção e permite visualizar

o significado dos arquivos pessoais nesse encantamento memorialístico de que nos fala a autora.

Figura 2 – Nomeação de Sandra Pesavento e Miguel Espírito Santo



Fonte: Acervo Sandra Jatahy Pesavento - IHGRGS

6 Os itens tridimensionais no Acervo SJP

O tratamento a que foi submetido o acervo da Professora Sandra Pesavento seguiu, de modo geral, os procedimentos objetivos observados para objetos dessa categoria. Nesse caso, porém, houve uma espessa camada de subjetividade que permitiu significativo incremento ao trabalho realizado. Além da co-autora do presente artigo, foi colega de trabalho a historiadora Anelda Oliveira, cujo mestrado em História havia sido patrocinado pela professora Sandra. Essa peculiaridade produziu um nível de conhecimento dos objetos reunidos no acervo que dificilmente se pode obter de forma exclusivamente profissional, o que proporcionou ganhos significativos na elaboração dos processos de trabalho.

As ações iniciaram-se, assim, pela identificação pormenorizada dos itens, bem como pela descrição refinada de seu processo de aquisição. A forma de incorporação – na maioria das vezes, oriundos das diversas viagens

realizadas pela professora – foram registrados de modo a permitir uma configuração adequada desse processo formativo do acervo. Com isso, itens que poderiam ser irrelevantes em outra leitura, ganharam existência singular no acervo, dado que foram intencionalmente acumulados, com possível associação e identificação com a cultura material de determinados lugares visitados pela pesquisadora.

Em vida, a pesquisadora adquiriu objetos representativos dos lugares que visitou, identificou pessoalmente (produzindo etiqueta de procedência específica para cada objeto) e formou conjuntos que expressam sua diversidade (coleções de pedras, conchas, animais, casario etc.). De forma complementar e substancial, registrava tais condições de produção através de fotografias e registros manuscritos dos lugares que visitava, permitindo que se identificassem as lembranças particulares do lugar e os registros da cultura material, tanto arquitetônica e urbanística quanto dos saberes locais, que posteriormente seriam utilizados como material de trabalho nas aulas e na sua produção científica e literária. Registrava estas aquisições, detalhando características expressivas como valor de compra, a motivação do momento e outras singularidades, que eram descritas em cadernetas do tipo diários.

Essa condição de produção é, novamente, excepcional guia tanto para a organização do acervo quanto para seu acesso. Tais ações demonstram não apenas certa proposição metodológica para formar conjuntos orgânicos, como podem ser perspectivas que expressam a corrente de pensamento à qual a autora estava associada, relacionada à História Cultural. Mais uma vez, revela-se em paralelo a pesquisadora e a produtora cultural – para usar uma expressão significativa – à medida em que se permitia apropriar-se de modo propositivo de elementos exógenos como forma de contrastar sua própria cultura.

O tratamento preliminar efetuado neste acervo constituiu-se da identificação dos conjuntos, sua higienização e o registro de cada item individualmente, considerando sempre o registro feito em etiquetas produzidas pela própria produtora do acervo. Na sequência, realizou-se o armazenamento em condições ainda primárias, dado que se busca a transferência dos mesmos para espaço físico adequado às suas características. Esse processo foi realizado ao longo de quatro meses, resultando na seguinte configuração do acervo: Coleção de Caixas e Pedras; Coleção de Miniaturas de Animais; Coleção Casario; Coleção Souvenir de Viagens; Coleção Colares; Álbuns de Fotografias e Cadernetas.

A higienização foi efetuada com a limpeza de sujidades das superfícies, utilizando-se para isso material não abrasivo, a fim de manter a integridade de vários itens, cujo material é constituído de elementos extremamente frágeis, que de outro modo poderiam ser danificados. Além disso, a adequada condição de preservação – outro traço relevante na atuação da produtora

do acervo – dispensou a equipe de executar um processo mais intenso de limpeza, nesta etapa do processo de tratamento, postergando-a para ser posteriormente realizada em condições laboratoriais e curatoriais pertinentes ao acervo. No processo de documentação dos itens, procedeu-se a elaboração de fichas individualizadas de conservação e restauro especificamente elaboradas para o acervo, atribuindo códigos de identificação alfa-numéricos, de fácil identificação de procedência e posição no acervo, executando aqui a documentação fotográfica.

Durante o processo de acondicionamento, houve o convite para a realização de programa expositivo do acervo no Museu Júlio de Castilhos. Para isso, foi realizada a separação de itens a partir de determinados conceitos a serem apresentados nessa exposição, que foram então encaminhados ao Museu. Todos os objetos foram embalados individualmente em plástico bolha e invólucros de tecido não tecido (TNT), especialmente confeccionados em dimensões próprias para cada item e para a guarda e transporte adequados, e devidamente identificados. Ao final do período expositivo, os itens foram reacondicionados nas mesmas condições dos demais objetos do acervo, e aguardam agora por tratamento definitivo e posterior deslocamento ao local de custódia, onde devem receber o tratamento museológico adequado.

Tais acervos, quando se tornam objeto de estudo e de prática profissional, configuram-se como elementos fundamentais no percurso científico que deve conduzir a um maior entendimento da vida humana, seja em caráter privado e individual, seja em sua dimensão coletiva. Esse foi o principal ensinamento legado pela professora Sandra Pesavento, e no qual ela foi mestra absoluta ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades que vem sendo realizadas no IHGRGS, tendo como objeto o acervo Sandra Jatahy Pesavento, tem ocorrido desde meados de 2015, e visa pensar, organizar arquivisticamente, planejar e indicar ações em diversos âmbitos e difundir seu conteúdo bem como a memória intelectual da professora, pesquisadora e historiadora, promovendo as relações entre seus conteúdos, de modo a permitir sua utilização plena para a pesquisa. O conjunto está sendo organizado em função de suas tipologias específicas, respeitando-se, sempre que possível, as indicações da produtora do acervo para sua configuração, pois tais documentos referem-se à trajetória pessoal e profissional da produtora, bem como diversos itens que registram sua atividade intelectual, permitindo uma ampla compreensão do trabalho desenvolvido por Pesavento ao longo das quatro décadas de atuação.

A relação desse acervo com o trabalho desenvolvido pelo IHGRGS ao longo dos anos guarda interessantes conexões. Boa parte do trabalho de pes-

quisa de Sandra Pesavento teve como foco a história do Rio Grande do Sul. Ela é autora, por exemplo, entre outros textos relevantes, de uma biografia política de Borges de Medeiros, cuja documentação é, como afirmamos anteriormente, uma das mais relevantes do Instituto. Além disso, suas extensas leituras de conteúdos historiográficos do Rio Grande do Sul, que serviram de matriz para outras obras, têm essas questões como fundamentais.

O acervo SJP é o segundo acervo de uma mulher a integrar o conjunto do IHGRS. Antes dela, apenas um acervo documental da jornalista Alba Aurora, formado por registros produzidos para a elaboração de um livro. É, portanto, o mais expressivo acervo documental com um olhar feminino para a pesquisa histórica a ser acondicionado pelo Instituto, o que também demonstra um protagonismo importante, indicando a proeminência desses acervos para os próximos séculos.

Essa conexão da autora e pesquisadora com os acervos que agora são seus companheiros de perenidade histórica possui algo de simbólico em grande medida. A partir de sua inclusão no conjunto arquivístico do IHGRS, o acervo Sandra Jatahy Pesavento, responsável por condensar em documentos o espírito científico e produtor de conhecimentos de sua autora, também vai refletir a abrangência e importância dessa instituição, cuja trajetória deve ser preservada para todos os públicos que vão se utilizar desses acervos no futuro.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BRITO, Augusto César Luiz; CORRADI, Analaura. Considerações teóricas e conceituais sobre arquivos pessoais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 11, n. 3, p. 148-169, dez. 2017.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro (Dossiê)**, v. 45, n. 2, 2009.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida e GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.
- COOK, Terry. Arquivos pessoais e Arquivos Institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 129-150, 1998.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 121-128, 1998.

- JOUX, Christine de et al. **Manual pratique et juridique**: la documentation française. Paris: Direction des Archives de France, 2008.
- LOPEZ, Andre Porto Ancona. Arquivos pessoais e as fronteiras da Arquivologia. **Gragoatá**, n. 15, 2º semestre, 2003.
- RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.
- SMIT, Johanna W. A documentação e suas diversas abordagens. *In*: GRANTO, Marcus; LOURENÇO, Maria Lucia N. (orgs.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. (Mast Colloquia, v. 10).
- TOGNOLI, Natália Bolfarini; BARROS, Thiago Henrique Bragato. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 66-84, abr. 2011.
- VIDAL, Laurent. Acervos pessoais e memória coletiva - Alguns elementos de reflexão. **Patrimônio e Memória**, v. 3, n. 1, p. 3-13, maio 2007.

Recebido em 31/05/2020

Aprovado em 12/11/2020